

O amor e suas veredas

Maria Célia Delgado de Carvalho

Resumo

O texto discute o amor e suas veredas, abordando as paixões do ser, amor, ódio e ignorância, que comparecem na clínica da psicanálise com todas as complicações que decorrem daí. Para tal fim, percorrem-se e comentam-se as contribuições de Freud, Lacan e de alguns outros sobre o tema. O que interessa não é falar do amor, mas analisar suas vertentes e as das outras paixões do ser lançando mão das inúmeras contribuições pinçadas da obra de Guimarães Rosa *Grande sertão: veredas* sobre o amor, que mais uma vez comprovam como os escritores criativos carregam um saber que pode ir muito além dos desenvolvimentos possíveis pelos conceitos e teorias da psicanálise. Um sobrevoo também é feito na presença dessas paixões na direção da análise. O texto percorre o caminho trilhado em direção ao desejo através das paixões do ser encaminhando para a possibilidade de um amor mais digno, que pode se dar pela análise ou pela arte, na medida em que ambos os acontecimentos apontam para o real.

Palavras chave:

Desventuras do amor; Paixões do ser; Direção da análise;
Objeto *a*; Amor mais digno.

Love and its pathways

Abstract

The text discusses love and its pathways by addressing the passions of the self, love, hate, and ignorance, which appear in the psychoanalytic clinic with all the complications that arise from it. To this end, the contributions of Freud, Lacan, and some others on the subject are reviewed and commented on. What matters is not to talk about love but to analyze the aspects of this passion and the other passions of the self, using the numerous contributions taken from Guimarães Rosa's *Grande Sertão: Veredas* about love that once again prove how creative writers carry a knowledge that can go well beyond the developments possible through the concepts and theories of psychoanalysis. An overview is also made on the presence of these passions in the direction of analysis. The text travels the path towards desire through the passions of the self, leading to the possibility of

a more dignified love that can be given through analysis or art to the extent that both events point towards the real.

Keywords:

Misfortunes of love; Passions of the self; Direction of analysis;
Object *a*; More dignified love.

El amor y sus veredas

Resumen

El texto discute el amor y sus veredas abordando las pasiones del ser, amor, odio e ignorancia, que aparecen en la clínica del psicoanálisis con todas las complicaciones que de ahí se derivan. Para ello, se recurren y comentan las contribuciones de Freud, Lacan y algunos otros sobre el tema. Lo importante no es hablar del amor sino analizar las vertientes de ésta y de las otras pasiones del ser echando mano de las numerosas contribuciones seleccionadas de la obra de Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* sobre el amor que una vez más demuestran cómo los escritores creativos llevan un saber que puede ir mucho más allá de los desarrollos posibles por los conceptos y teorías del psicoanálisis. Un sobrevuelo también se hace presente en la dirección del análisis. El texto recorre el camino hacia el deseo a través de las pasiones del ser, conduciendo a la posibilidad de un amor más digno que puede darse a través del análisis o del arte en la medida en que ambos eventos apuntan hacia lo real.

Palabras clave:

Desventuras del amor; Pasiones del ser; Dirección del análisis;
Objeto *a*; Amor más digno.

L'amour et ses sentiers

Résumé

Le texte traite de l'amour et de ses sentiers en abordant les passions de l'être, l'amour, la haine et l'ignorance, qui se présentent dans la clinique psychanalytique avec toutes les complications qui en découlent. À cette fin, on parcourt et on commente les contributions de Freud, Lacan et quelques autres sur le sujet. Ce qui importe n'est pas de parler d'amour mais d'analyser les aspects de cette passion et

des autres passions de l'être en se basant sur les nombreuses contributions tirées de l'œuvre de Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* sur l'amour qui prouvent une fois de plus comment les écrivains créatifs portent un savoir qui peut aller bien au-delà des développements possibles par les concepts et les théories de la psychanalyse. Un survol est également effectué sur la présence de ces passions dans la direction de l'analyse. Le texte couvre le chemin parcouru vers le désir à travers les passions de l'être, conduisant à la possibilité d'un amour plus digne qui peut se donner à travers l'analyse ou l'art dans la mesure où les deux événements pointent vers le réel.

Mots-clés :

Désaventures d'amour ; Passions de l'être ; Direction de l'analyse ;
Object *a* ; Amour plus digne.

O amor e suas veredas

“São demais os perigos dessa vida, pra quem tem paixão”,¹ disse o “poetinha” mais amado do Brasil, Vinicius de Moraes.

Padecemos das paixões (*páthos*), e o amor é uma delas. Para tratar dessa paixão que não cessa de afetar nossos analisantes pelas vias mais calorosas, estranhas e dolorosas, faço aqui recurso às veredas de *Grande sertão* de João Guimarães Rosa, não sem o fundamento nas linhas de Freud e de Lacan, já que é daí que nos orientamos e guiamos nossa clínica.

No seminário *Encore*, Lacan (1973/2010) afirma que não fala de amor, porque não se pode falar dele, e, sim, do que se fala sobre ele através das declarações de amor, das cartas de amor e, por que não, como aqui, através das obras de arte que o abordam. Seria possível reconhecer nesses dizeres algo do amor como um acontecimento, como Lacan (1974/2016) nos indica em seu *Seminário 21*?

O recurso ao romance de Rosa aponta um caminho de abordagem ao amor para além do lugar comum de enredos cansativos. Saga de um grande amor, é notável como essa obra confirma a tese de Freud de que “os escritores criativos... estão bem adiante de nós, gente comum no conhecimento da mente...” (Freud, 1907/1976).

Lacan tratou das paixões do ser — amor, ódio e ignorância — ao longo de toda a sua obra, desde seu primeiro seminário, no qual posicionava cada uma dessas paixões na interseção entre os registros. O amor entre o simbólico e o imaginário, o ódio entre o imaginário e o real, e a ignorância entre o real e o simbólico.

1 *Soneto do corifeu*, de Vinicius de Moraes.

Estando o amor entre o *simbólico* e o *imaginário*, esse afeto dá o que falar aos artistas e escritores criativos, como bem podemos ler nas páginas de *Grande sertão: veredas*.

A partir da formulação de Lacan do objeto *a*, causa de desejo na interseção entre os três registros, podemos entrever que o real também está em jogo no amor, principalmente quando se trata de um amor que se desprende da demanda para dar lugar ao que não faz relação e só é possível ao se levar em conta a hiância a partir da qual se constitui o objeto *a* como causa de desejo.

Em Freud, encontramos que o amor é sempre narcísico e, com isso, recíproco, porque o que mais se ama no outro é ser amado: “Ele gostava, destinado de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim” (Rosa, 1984, p. 180).

No amor narcísico, é como se o amante buscasse sentir-se *Um*, sem falta, atribuindo ao amado esse lugar do complemento impossível, e daí decorrem todos os desastres possíveis: “O amor de alguém à gente, muito forte, espanta e rebate, como coisa sempre inesperada. E eu estava naquelas impaciências” (Rosa, 1984, p. 413), e mais: “...o ódio — é a gente se lembrar do que não deve-de; amor, é a gente querendo achar o que é da gente” (Rosa, 1984, p. 337).

Amores vãos, ódios vêm, *enamoródio* tomando conta, ignorância levando a escolhas, trilhamentos, veredas perigosas. Em seus últimos seminários, Lacan aborda as paixões do ser como um modo de fazer frente à inexistência da relação sexual. Por não haver medida comum entre o gozo feminino e o masculino, é com esse abismo que temos que lidar, e por aí as paixões se intrometem.

Por essas e por outras, os apaixonados frequentam nossos divãs, trazidos pelo sofrimento das desventuras causadas pelas paixões. Entre as mazelas listadas por nossos analisantes, sobressai-se a dificuldade em se conformar que não haja o tal do amor mítico que faria *Um*, e, quando essa ilusão se desmorona, é comum que o ódio se instaure e domine a vida do analisante: “Viver é negócio muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar” (Rosa, 1984, p. 16).

Encontros, desencontros, casamentos, separações, amores impossíveis, submissão a situações insustentáveis na família, na rua, no trabalho, no país, na vida, enfim, tudo isso e muito mais aparece no dia a dia de nossa clínica como consequência do domínio das paixões.

Desses caminhos e descaminhos, alguns podem levar à análise. E aí o percurso se trilha em direção ao desejo, percorrendo as paixões do ser: “o desejo do homem é o desejo do Outro e o amor é uma paixão que pode ser a ignorância desse desejo, mas não lhe tira todo o seu alcance. Quando se olha mais de perto veem-se as devastações que ele causa” (Lacan, 1973/2010, p. 15).

A ignorância, que também é uma paixão do ser, comparece logo no início da análise como o desconhecimento que está em jogo, no sofrimento, na queixa, na demanda. A essa, segue-se o *não quero saber nada d'isso* característico do apego ao sintoma muitas vezes aliado ao amor de transferência em sua versão de resistência.

Ao longo da análise, essa ignorância é capaz de sofrer transformações que permitem que a análise siga até o limiar da *douta ignorância*. Esta, um saber que se sabe incompleto e com isso dá espaço para continuar desejando, e a partir daí construir um saber singular sobre o próprio sofrimento.

Se o desejo do analista se impõe e se um significante qualquer se oferece, há uma atribuição de saber que põe em marcha a transferência como amor ao saber. Por essa trilha, é possível que a análise se encaminhe para dar lugar ao que Lacan chamou no final de seu ensino *um amor mais digno*: "...fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório que ele constitui até hoje..." (Lacan, 1973/2003, p. 315). Esse talvez um amor que leve em conta sua condição inapreensível.

É claro que isso tudo não se dá sem passar pelas voltas da fala do analisante, não sem o ato do analista, que indicará o oco do desejo: "Na análise aparece algo daquilo que causa o desejo do sujeito, que se manifesta em sua hiância" (Lacan, 1973/2003, p. 315).

Na esteira do indicado por Freud e lançando mão das ferramentas trazidas por Lacan, a criação artística mostra-se como uma das vias que permitem o acesso do *falasser* a alguma coisa do Real da ordem de *lalangue*. É notável como tanto para o artista quanto para alguém em contato com uma obra de arte é possível reconhecer ali algo do Real que *não cessa de não se escrever* e que, por alguma contingência ou encontro fortuito que a arte seria capaz de explicitar, por um instante, *cesse de não se escrever*.

Talvez por essa via, ou por essas veredas, o encaminhamento que o ato analítico é capaz de dar às paixões do ser pode por vezes ocorrer em outros acontecimentos além da análise.

Em *Grande sertão*, é possível observar, no percurso do personagem *Riobaldo*, paralelos para os caminhos trilhados em uma análise. Para começar, sua fala dirige-se ao *Compadre meu Quelemém*, como uma associação livre, passando por suas andanças pelas veredas do sertão e do amor, como se as relatasse a um analista: "...me inventei nesse gosto, de especular ideia" (Rosa, 1984, p. 9), e ainda: "Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou eu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência — calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo" (Rosa, 1984, p. 567).

Como paixão, o amor não visa à satisfação, mas ao ser do sujeito. Desse ser, só podemos ter notícia por algo que falta, causa desejo. O sujeito com o qual lidamos

é cindido, por estar submetido à linguagem, atravessado por uma hiância, uma fenda pela qual se molda o objeto *a*, causa de desejo.

Esse objeto não é simbolizável nem imaginável, mas se presentifica nisso que causa e faz desvanecer o sujeito, a partir do enigma inapreensível de uma causa figurada em pequenas insígnias: “Diadorim, ia ter certas lágrimas nos olhos de esperança empobrecida. Me mirava, e eu não atinei” (Rosa, 1984, p. 499); “Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos — vislumbre meu — que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o que nenhum pasto” (Rosa, 1984, p. 462); “Agora falava devagarinho, de sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse” (Rosa, 1984, p. 352).

A versão narcísica do amor encontra ligação com o amor que visa a formar *Um* e que tende ao fracasso pela impossibilidade da relação sexual, como apontado anteriormente. Nessa queda, o ódio se instaura como mais uma paixão a tentar negar a impossibilidade de completude. É flagrante como as três paixões estão empenhadas nessa luta para não reconhecer que não há relação/proporção entre os sexos.

A parte do amor que diz respeito ao simbólico estaria mais próxima do que é possível se construir na transferência, um amor que retira de sua causa uma destinação para o saber. E aqui só é possível pela presença do desejo do analista indicando o impossível do real.

Amor demanda amor para além da demanda, atestando que amar é dar o que não se tem, ao mesmo tempo que o amante pede ao amado que não lhe dê o que demanda, porque não é disso que se trata: “eu te peço que recuses o que te ofereço, porque não é isso” (Lacan 1973/2010, p. 231). E ainda: “...o amor, ele sim, demanda o amor, e não cessa de demandá-lo e de demandá-lo sempre mais (*encore*). *Encore*, este é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor” (Lacan, 1973/2010, p. 231).

Outra forma de abordar o amor é por uma “tipologia, e, porque não dizer, uma topologia de amores, baseada nas formas medievais de amor”, desprendida do *Seminário 21* de Lacan (Prates, 2015, p. 34).

O primeiro tipo de amor seguindo essa tipologia é o amor a Deus. O amor divino é descrito como o que conjuga o Imaginário do corpo e o Real da morte. Lacan adverte que “é exatamente aí que se situa o nervo da religião, enquanto ela prega o amor dividido, também é exatamente aí que se realiza essa coisa louca, este esvaziamento daquilo que é do amor sexual na viagem” (Lacan, 1974/2016, p. 80). Aqui, aparta-se o amor de sua manifestação sexual com todas as consequências nefastas dessa separação: “instaura na história sádica da falta original e em tudo que daí se segue por tê-la adotado... no Imaginário, no corpo, precisamente, essa espécie de levitação, de insensibilização do que lhe concerne...” (Lacan, 1974/2016, p. 80).

Seguindo essa indicação, não é dessa ordem o amor descrito em *Grande sertão*, já que remete ao amor sexual: “Eu não sabia, mas com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim” (Rosa, 1984, p. 272). Essa expressão de amor aparece aí barrada pela regulação heteronormativa, que domina o ambiente cultural em que o romance se desenvolve, como na passagem: “Diadorim pôs a mão em meu braço. Do que me estremei, de dentro, mas repeli esses alvoroços de doçura. Me deu a mão: e eu. Mas era como se tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas” (Rosa, 1984, p. 35).

Em Freud, a libido que anima as pulsões, sempre sexuais, visam à satisfação. O aspecto narcísico está em jogo em qualquer tipo de amor, e como tal no caso do amor descrito na obra citada também.

Aqui, lançamos a hipótese de que esse amor visa mais ao ser do sujeito do que à satisfação, na medida em que há uma identificação ao ideal do eu marcada pelo significante *coragem*, que aparece na travessia do rio onde Riobaldo é fisgado pelo olhar do menino Reynaldo:

Aquele menino, como eu ia poder deslembrar?... Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra alguma. Comparável um suave de ser, asseado e forte — assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível — o senhor represente. “Eu tinha o medo imediato”, enuncia Riobaldo. — “Carece de ter coragem”, responde o menino. (Rosa, 1984, p. 33).

Talvez, por esse amor trazer consigo a égide da impossibilidade regida pelas leis do sertão, ele dá ao personagem a possibilidade de ir além do fazer *Um*, na busca de qualquer harmonia, e como tal remete à hiância do objeto *a*, causa de desejo.

Outro tipo de amor medieval, o *amor cortês*, como um exercício poético para lidar com um amor caracterizado pela inacessibilidade do objeto, é o tipo de amor que mais se aproxima do amor descrito no romance de Rosa: “...essa maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, fingindo que éramos nós que lhe opúnhamos obstáculo” (Lacan, 1973/2010, p. 145).

Na análise, algo similar pode ocorrer ao final com a possibilidade de um “mais digno” (Lacan, 1973/2010, p. 311-316) que não escamoteia a castração pela atribuição da impossibilidade a um Outro. O amor, no final de análise, é capaz de ir além desse ponto, caracterizando-se por “não tentar mais fazer relação com as armadilhas do amor e do objeto...” (Fingermann, 2015, p. 108).

Esse amor poderia ser um amor que se tece na trama — surpreende, e não incorre na tentativa de fazer *Um* —, deixa aberta a fenda pela qual escorre algo do objeto *a*, causa de desejo — desejo sempre inabalável, indestrutível, ligado aqui à saga do sertão, à coragem, à busca, ao risco de viver.

Referências bibliográficas

- Fingermann, D. (2015). Amar adentro. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (30), 103-109.
- Freud, S. (1976). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 13-100). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 311-316). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário 20: encore*. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2016). *O seminário 21: os não tolos vagueiam*. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros do Espaço Moebius. Salvador. (Trabalho original publicado em 1974)
- Prates, A. L. (2015). Para sempre é sempre por um triz. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (30), 31-41.
- Rosa, J. G. (1984). *Grande sertão: veredas* (20a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022